

Desenho curricular em transformação: considerações sobre as instituições escolares e para além delas

*Marina Graziela Feldmann¹
Marcos Tarciso Masetto²*

Resumo

Este artigo procura trazer à consideração de nossos leitores algumas reflexões sobre a necessidade de se repensar os desenhos curriculares em nossas instituições educativas que, em sua maioria, ainda se mantêm com uma organização curricular de características denominadas tradicionais. Atualmente, tanto os autores, que escrevem sobre o significado da educação escolar em nossa sociedade, como os especialistas em currículo alertam para a necessidade de se rever os nossos currículos escolares. É pauta obrigatória em muitos congressos e eventos educacionais. Na esteira dessas preocupações, trazemos hoje nossa colaboração. Para se tratar de transformação de um desenho curricular, faz-se necessário acordarmos sobre uma concepção de currículo, sua contextualização histórica, a redefinição e reorganização dos elementos que o compõem e as atuais demandas a que um currículo deverá responder. Neste artigo, procuraremos discutir dois aspectos que nos parecem conter especial relevância para o nosso tema: o primeiro diz respeito à concepção de currículo e seus desdobramentos; e o segundo, o docente e sua formação no redesenho curricular.

Palavras-chave: currículo; transformação; redesenho curricular; formação de professores.

Abstract

This article looks for calling to the attention of our readers some thoughts about the need to rethink the curriculum designs in our educational institutions, most of which still remain with a curriculum of traditional organization called features. Currently, both the authors who write about the significance of education in our society, such as curriculum experts warn

¹ Professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: feldmnn@uol.com.br

² Professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor titular da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor associado (livre docente) aposentado da Universidade de São Paulo (USP).

of the need to review our curricula. It's a compulsory agenda in many conferences and educational events. In the course of these concerns, we bring our collaboration nowadays. For the case of transformation of a curriculum design it's necessary to agree on a conception of curriculum, its historical contextualization, the redefinition and reorganization of the elements that compose it and the current demands that a curriculum should respond. In this article, we will discuss two aspects that appear to contain special relevance to our theme: the first concerns the design of curriculum and its developments; and the second, the teaching staff and their training in curriculum redesign.

Keywords: curriculum; processing; curriculum redesign; teacher training.

Resumen

Este artículo busca traer la consideración de nuestros lectores a algunas ponderaciones sobre la necesidad de recapacitarse los dibujos curriculares de nuestras Instituciones Educativas que en su mayoría, aun se mantienen con una organización curricular de características de nominadas tradicionales. Actualmente, tanto los autores que escriben sobre el significado de la educación escolar en nuestra sociedad, como los expertos en currículo alertan para la necesidad de reverse nuestros currículos escolares. Es pauta obligatoria en muchos congresos y eventos educacionales. Debido esas preocupaciones, traemos hoy nuestra colaboración. Para tratarse de transformación de un dibujo curricular se hace necesario que acordemos sobre una concepción de currículo, su contextualización histórica, la redefinición y reorganización de los elementos que lo componen y las actuales demandas a que un currículo contestará. En este artículo buscaremos discutir dos aspectos que nos parecen tener especial importancia para nuestro tema: el primero dice respeto a la concepción de currículo y sus desdoblamientos, y el según, el docente y su formación en el rediseño curricular. Palabras clave: Currículo; transformación; rediseño curricular; formación de maestros.

Concepções de currículo

Ao analisarmos concepções de currículo, chamou-nos a atenção a consideração de Rigal (2000, p. 190-191), quando expressa sobre o currículo com os seguintes termos:

O currículo deve ser considerado um produto cultural, núcleo de relações entre educação, poder, identidade social e construção da subjetividade, uma forma institucionalizada para a constituição de sujeitos, para a produção de identidades individuais e sociais. Correlativamente a essa perspectiva, propõe-se uma estratégia real e efetivamente

participativa (não fictícia) para o projeto do currículo, que reconheça o papel ativo que cumprem professores e alunos em sua realização e execução e resgate os importantes elementos que, a partir de sua prática, podem ser trazidos para uma construção curricular colaborativa entre agentes sociais distintos.

Vale a pena ressaltar neste texto aspectos próprios de um currículo indicados pelo autor, como a contextualização histórica, política e social, oferecendo um cenário que orienta a concepção e a realização de um currículo e a preocupação com a formação de sujeitos sociais. Destaca como elementos importantes para a realização de um currículo uma estratégia efetivamente participativa, o papel ativo de professores e alunos, e o resgate dos demais componentes curriculares de forma colaborativa.

Para reafirmar essa sua concepção de currículo, De Alba (1995 *apud* RIGAL, 200, p. 190) compreende o currículo como:

Síntese de elementos culturais (conhecimentos, valores, costumes, crenças, hábitos) que estabelecem uma proposta político-educativa destinada a gerar significado e sentido para a vida social impulsionada por diversos grupos e setores sociais cujos interesses são diversos e contraditórios.

Canário (2006) dá continuidade a essa reflexão destacando na organização curricular como aspecto básico as articulações necessárias para um currículo superar um modelo marcado pela fragmentação:

Estruturar o currículo a partir da articulação interativa entre situações de informação, situações de interação e situações – produção. É esta articulação que poderá permitir a evolução do sistema de formação, de uma lógica de repetição de informações para uma lógica de produção de saberes [...] ampliação do conceito de currículo tradicionalmente circunscrito às disciplinas, às quais se acrescenta a prática pedagógica para um movimento de aproximação entre os espaços da escola de formação e

os contextos reais de exercício profissional (CANÁRIO, 2006, p. 70-71).

Frente a um modelo de currículo rígido, no qual prevalece a organização das disciplinas de forma justaposta, sem interações entre elas, Canário (2006) nos alerta: ao se pensar em transformação curricular, há que se dar a devida atenção às diferentes formas de integração e articulação curricular entre disciplinas e entre os demais espaços pedagógicos.

Essa visão de que a organização curricular compreende um conjunto de fatores interconectados e que integradamente respondem pelo currículo de um curso também é partilhada por Alves (1998, p. 53), quando escreve:

Os eixos curriculares, atravessando todas as disciplinas existentes (ou que vierem a existir), permitem criar um “campo de ação” no qual, mantidas as características específicas, os conteúdos e os métodos próprios, bem como o ritmo e a característica de cada professor, propostas coletivas possam ser desenvolvidas por conjunto de professores, de turmas, de séries, de alunos e outros.

De nossa parte, entendemos currículo como a vivência de um conjunto de conhecimentos, saberes, competências, habilidades, experiências e valores organizados de forma integrada, visando à educação dos aprendizes de nossas instituições educativas para uma sociedade contextualizada num determinado tempo e espaço histórico, político, econômico e social.

A noção de currículo apresentada dessa forma é bem abrangente: engloba a organização da aprendizagem na área cognitiva e em outros aspectos fundamentais da pessoa humana, como saberes, competências, habilidades, valores, atitudes; destaca a ideia de que as aprendizagens sejam adquiridas mediante práticas e atividades planejadas intencionalmente para que elas aconteçam de forma efetiva.

A construção de um currículo supõe ainda que professores saiam um pouco de dentro das escolas para considerar: o que está acontecendo na sociedade, as mudanças que estão se operando, as necessidades atuais da população, bem como as representações e os contatos com a realidade.

A possibilidade de transformação de um currículo também coloca seus construtores numa perspectiva de perscrutar o horizonte em busca de novas possibilidades, de desafiar os limites do estabelecido e de pensar uma educação básica (infantil, fundamental e média) que responda às exigências atuais e futuras de nossas gerações, bem como na busca de atendimento de novos desenhos espaço-temporal que atendam aos processos formativos que ocorrem fora das instituições formais de educação. Nessa perspectiva, o conhecimento deve ser continuamente recriado, considerando-se as diversidades e interculturalidades presentes nos espaços educativos, tendo como base: o relacionamento interpessoal e o respeito às divergências de ideias na perspectiva de construção de uma sociedade integradora e cooperativa.

As concepções teóricas sobre currículo se apresentam com dimensões diferenciadas, com aspectos multifacetados, apontando para uma complexidade da concepção curricular, e permitem uma discussão polivalente de currículo.

Mas uma segunda observação se impõe em todas as concepções que comentamos, bem como nas pesquisas de autores como: Moreira, A.F.B.; Sacristán, G.; Lopes, A.C.; Macedo, E.F.; Apple, M.; Young, M. Alguns pontos se apresentam como comuns e basilares quando se pretende pensar na transformação de um desenho curricular:

- a) princípio da contextualização: o currículo se realiza num contexto histórico e social da sociedade e da instituição educativa, levando em consideração as dimensões de tempo, espaço e circunstâncias; responde às necessidades temporais e históricas da educação e àquelas emergentes. O currículo sempre estará voltado para o que está acontecendo na sociedade atual, para as necessidades de nossos jovens e suas sempre inovadoras expectativas.
- b) princípio de aprendizagem: objetivos educacionais são priorizados na formação dos alunos:
 - ampliando-se o foco da aprendizagem para as várias dimensões que constituem a pessoa, cujo desenvolvimento dependemos para trabalharmos com a educação dos nossos cidadãos: o desenvolvimento das dimensões cognitiva, afetivo-emocional, de habilidades e competências, de atitudes e valores que impregnam a atividade do cidadão;

- valorizando a integração dos conhecimentos teóricos com sua aplicação em situações e experiências vitais dos alunos;
 - reorganizando os conteúdos a serem aprendidos na forma de grandes temas e projetos que integrem áreas diferentes de conhecimento que merecem ser estudadas e pesquisadas em busca da compreensão dos fenômenos naturais e humanos e das situações existenciais das pessoas e da coletividade;
 - revendo a metodologia, privilegiando estratégias e técnicas que favoreçam a participação do aluno, a interação entre o grupo e dos alunos com o professor, a colaboração na construção do conhecimento e a aprendizagem na prática;
 - repensando o processo de avaliação como processo integrado ao processo de aprendizagem, como elemento motivador e incentivador da mesma, com feedbacks contínuos, corrigindo e oferecendo novas oportunidades de aprendizagem ao aluno, incentivando-o a novas aprendizagens.
- c) princípio epistemológico: a transformação de um desenho curricular su-
põe que se reveja o método de construção de conhecimento em nossas
escolas. Vinculado ao processo de aprendizagem, temos encontrado
também como característica de transformação curricular a ênfase em
explicitar os princípios epistemológicos que respondem pela construção
do conhecimento dos educandos. Hoje marcam presença no mundo
científico a aprendizagem significativa e o construtivismo, responsáveis
pela proposta de que o conhecimento precisa ser construído pelo aluno
que lhe atribui também um significado pessoal.

A aprendizagem significativa, seja por recepção, seja por descoberta, se opõe a aprendizado mecânico, repetitivo e memorístico. Compreende a aquisição de novos significados... A essência da aprendizagem significativa está em que as idéias expressas simbolicamente se relacionam de maneira não arbitrária, mas substancial com o que o aluno já sabe. O material que aprende é potencialmente significativo para ele (AUSUBEL *apud* SACRISTÁN; PÉREZ GÓMES, 1996, p. 46).

Nessa perspectiva, o tipo de conhecimento hoje exigido e esperado é aquele que ultrapassa seus limites disciplinares, abre-se para outras áreas

e formas de conhecimento, procura integração, diálogo, complementação para melhor compreender o que está acontecendo no mundo e com a humanidade e seus fenômenos com múltipla causalidade. A multi e a interdisciplinaridade na compreensão dos fenômenos e na construção do conhecimento são uma exigência fundamental no desenvolvimento do conhecimento humano. Esse aspecto é tão importante que o destacamos para uma consideração especial na sequência deste artigo.

- d) corpo docente: os protagonistas de uma transformação num desenho curricular são por excelência os professores e alunos. Seus papéis, atitudes e performances também serão modificados para se transformar um desenho curricular. Os professores desenvolvem uma mediação pedagógica com relação aos alunos, propondo objetivos de aprendizado, mediando experiências e sistematização do conhecimento, planejando situações de aprendizagem, agindo em parceria e corresponsabilidade com os alunos articulando os espaços e tempos educacionais, coarticulando a experiência coletiva de construção da formação profissional.
- e) corpo discente: o aluno assume um papel de sujeito do seu processo de formação, participante e pró-ativo, parceiro e corresponsável, coarticulador da construção coletiva de sua educação. O incentivo à mudança de atitudes dos alunos se fará por meio do planejamento de atividades concretas que lhe garantam e dele exijam participação, trabalho, pesquisa, diálogo e debate com outros colegas e com o professor.
- f) transformar um desenho curricular vai exigir que sua operacionalização se realize por meio da exploração da aula como espaço e tempo novos: a aula sendo assumida como um tempo e espaço de estudos, debates, pesquisas, discussões, contatos com especialistas; descoberta de novos espaços de formação para além dos espaços institucionais.
- g) gestão institucional: não se pode pensar em se transformar um desenho curricular sem que se trabalhe com a gestão institucional, para que ela assuma a proposição e implantação de um redesenho curricular com todas as suas consequências e necessárias mudanças. O compromisso e o envolvimento dos gestores de uma instituição educativa é imprescindível para o êxito de uma transformação curricular devido ao apoio que dela se espera para que um novo desenho curricular possa se planejar, efetivar e se consolidar. Seu apoio legal e estrutural são essenciais. Em uma reorganização curricular com características inovadoras, a gestão precisa ser formada, pensada e trabalhada considerando-se os campos

que envolvem os elementos materiais e conceptuais e a coordenação do esforço humano, necessários ao processo de produção pedagógica, bem como a formação de equipes gestoras para a concepção e na implantação de um redenho diferenciado.

Como dissemos anteriormente, das concepções de currículo quisemos destacar alguns pontos que, em nosso entender, se acham presentes, explícita ou implicitamente, nos autores estudados e em nossa própria concepção de currículo e que se apresentam como aspectos fundantes que necessitam ser trabalhados conjuntamente se pretendemos de fato transformar um desenho curricular.

Trabalho do professor e seu processo formativo

Quando se concebe e se implementa um redesenho curricular com perspectivas de mudanças, uma dimensão nuclear a ser considerada diz respeito ao trabalho do professor. O que é ser professor no mundo contemporâneo?

Escrever sobre esse tema nos convida a reviver as inquietudes e perplexidades na busca de significados do que é ser professor no mundo de hoje: Professor é um – sujeito que professa saberes, valores, atitudes, compartilham relações e junto com o outro elabora a interpretação e reinterpretção acerca do mundo – palavras, sentidos que encerram em si a dimensão da multidimensionalidade, da complexidade e da incompletude do saber científico e escolar e construção da sua identidade docente.

Entendemos que o professor e seus processos formativos se caracterizam como sendo de fundamental importância quando se projeta um redesenho curricular que evidencie um compromisso com a mudança – mudança revestida com o sentido técnico, político e social da docência.

O significado de mudança que reconhecemos não se confunde com o significado de inovação, quando entendida como desapego ao passado, à tradição de se construir currículo e conhecimento, nem de se implementar novidades, tão presentes em nossa sociedade globalizada de consumo exacerbado, da presença da descartabilidade, com a fugacidade dos fatos,

que culmina com a valorização do “ter em detrimento do ser”, como se a palavra “novo” ou novidade trouxesse em si toda a positividade da ação humana – neste caso, o trabalho docente. Mudança aqui é entendida como aprimoramento da condição humana, liberdade de expressão, comunicação, e construção de um mundo melhor, de uma convivência entre as pessoas. Convivência essa permeada pelos valores de solidariedade, do respeito ao outro, do respeito às diferenças de crenças, etnias, do gênero, de religiões. Mas sabemos também que uma melhor convivência entre as pessoas, ou seja, viver melhor com o outro, não se encerra apenas com intenções, com palavras destituídas de significados, mas tem a possibilidade de se concretizar quando se estiver visceralmente atrelado à luta permanente contra as estruturas desumanizantes em nossa sociedade, na educação e no processo de reconstrução curricular.

O sentido de mudança que tem orientado nossos estudos e pesquisas é concebido enquanto aprimoramento da condição humana. Ação que fertilize uma educação emancipadora e que lance os sujeitos envolvidos num redesenho curricular para a busca do novo, muitas vezes com o sentimento de medo, mas compensado com a atitude de ousadia para forjar trabalhos diferenciados e experimentá-los em permanente avaliação legitimada dos objetivos e procedimentos metodológicos delineados, na construção de possibilidades de uma ação educativa efetiva que vislumbre um projeto coletivo articulador do processo de ensinar e de aprender.

Efetivar mudanças na escola é compartilhar da construção do projeto político-pedagógico que transcende a dimensão a dimensão individual, tornando-se um processo coletivo, mas dialeticamente, essa construção não se desenha sem a existência e articulação cós projetos existenciais das pessoas envolvidas. Estes, ao serem explicitados, revelam suas crenças, concepções e valores, dando sentido ao fazer educativo (FELDMANN, 2009).

Os professores, em suas ações educativas, lidam com a apropriação do conhecimento, os significados da cultura, a construção dos saberes escolar e a dinâmica da própria organização do espaço escolar/institucional.

O cenário, marcado pelas perplexidades que a utilização de tecnologias de informação e comunicação traz para a construção do conhecimento, altera de forma significativa o processo de formação inicial e continuada do professor.

O redesenho curricular que contemple marcas de ousadia passa necessariamente pela reconstrução da cultura escolar mostrando a importância do aprimoramento pessoal e profissional, mesclados à dimensão coletiva do ensinar e do aprender, à autonomia e autoformação dos educadores envolvidos.

De pretense dono do saber, passa a ser mediador entre o conhecimento sistematizado e as necessidades dos alunos, na perspectiva de ampliar e diversificar formas de interagir e compartilhar experiências em novos tempos e espaços.

Vivemos num mundo de incertezas, em que as coisas acontecem e se transformam muito rapidamente. O tempo parece ter adquirido novas dimensões, havendo uma pressão muito grande para a mudança.

O processo de formação de professores caminha junto com a produção do currículo em construção por meio de ações coletivas, desde a gestão até as práticas curriculares e as necessidades dos professores.

Em colaboração mútua, os professores devem recriar os conhecimentos necessários a uma prática educativa inclusiva, considerando as diversidades presentes nos contextos escolares/institucionais e a amplitude de conhecimentos. Esses conhecimentos são perpassados pela multiplicidade de culturas, valores, gêneros e classes sociais presentes nas relações que envolvem as situações de aprendizagem.

A formação continuada que se exige abrangendo a perspectiva dialógica não mais se faz a partir de cursos e palestras no sentido cumulativo de conhecimentos, mas sim por meio de vivências educadoras na possibilidade da reconstrução pessoal e profissional dos sujeitos em contextos de aprendizagem.

Quando se projeta um redesenho curricular com características de mudança, faz-se necessário:

- valorizar efetivamente o professor como um ser que tem saberes próprios, advindos da sua experiência, e é capaz de contribuir significativamente para as discussões acerca do seu trabalho docente

na construção do novo ao expressar os seus saberes e sentimento de pertença com vistas a assumir riscos, mas compartilhados pelo acolhimento e parcerias do grupo nas incertezas que envolvem o processo coletivo de ensinar e de aprender;

- trabalhar com o corpo docente tanto em seu envolvimento com o currículo quanto num projeto de formação continuada e cooperação entre eles;
- rever o papel do professor (ele também é um aprendiz) no processo de aprendizagem como: intelectual pesquisador, crítico, cidadão e planejador de situações de aprendizagens, mediador e incentivador dos alunos em suas aprendizagens, trabalhando em equipe e em parceria com os alunos e seus colegas professores, superando o individualismo e a solidão reinantes na docência;
- valorizar a relação de trabalho em equipe entre professor e alunos, e os alunos entre si, num ambiente de colaboração em busca de se conseguir atingir os objetivos propostos;
- ressignificar a relação de hierarquia e poder no currículo para um relacionamento de parceria e corresponsabilidades entre os participantes de um processo de aprendizagem.

Considerações finais

Ao finalizar este texto, pensa-se também um redesenho com significado de pesquisa que em si se encerra, mas que promulga e acessa outros saberes, que aguça novos olhares, que desperta infinitas perguntas.

Um redesenho curricular sem dúvida exigirá que se trabalhe simultaneamente em todas as dimensões possíveis. Não poderá ser pensado apenas a partir de modificações em algumas estratégias de ensino ou de algumas técnicas de aula. Não se trata apenas de atualização de alguns conteúdos ou de inclusão de algumas atividades práticas. Muito menos de alterações que afetem apenas mudanças de disciplinas na grade horária ou em sua carga. A complexidade de se pensar e implantar um redesenho curricular está exatamente na compreensão do que venha a ser um currículo e do conjunto de dimensões que precisarão ser produzidas e legitimadas.

Devem estar presentes em redesenhos curriculares as experiências reflexivas que contemplem o compartilhamento de saberes e o sentimento

de pertença do grupo nos processos de ensinar e aprender, a valorização de comunidade de aprendizagem, atribuindo valor de ressignificado da relação de hierarquia e poder para um sentido de corresponsabilidades em um trabalho coletivo.

Como última palavra, embora provisória, nossa experiência revela-nos a seguinte assertiva: o desejo de perguntar anima-nos a oferecer esboços de possibilidades de novos desenhos curriculares, mas sempre como um desenho a ser completado, recontornado.

Enviado em: 02/04/2012

Aprovado em: 22/05/2012

Referências

ALVES, Nilda. *Trajetórias em redes na formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

CANÁRIO, Rui. *Escola tem futuro? Das Promessas às Incertezas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FELDMANN, Marina Graziela (Org.). *Formação de professores e escola na contemporaneidade*. São Paulo: Senac, 2009.

RIGAL, Luís. A escola crítico-democrática: uma matéria pendente no limiar do século XXI. In: IMBERNÓN, Francisco (Org.) *A educação no século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SACRISTÁN, Gimeno José; PÉREZ GOMES, Angel I. *Compreender y transformar La enseñanza*. Madrid: Ed. Morata, 1996.

VEIGA NETO, Alfredo. Tensões disciplinares: recompondo antigos temas. In: MONTEIRO, Aída (Org.) *Novas subjetividades, currículo e questões pedagógicas*. Recife: Ed. Bagaço, 2006. p. 137-161.